

Papel do Mentor em um Campus Cristão

Meu primeiro contato com a educação cristã ocorreu em uma pequena escola em Palmerston North, Nova Zelândia. Minha professora, a Srta. Gilmore, partilhava diariamente seu conhecimento religioso, dava forma à minha caligrafia, e me ensinava a tabuada de multiplicar, bem como a ler e escrever. Ela me inspirou grande apreciação pela música, poesia, literatura e artes, bem como curiosidade pela vida. O melhor de tudo, ela foi um exemplo magnífico da arte de ensinar. Até hoje ela continua a me animar e sua mente vivaz recorda todos os detalhes daqueles anos.

Lembro-me também de um professor que me serviu de exemplo na jornada da fé. O Pr. Hefron estava determinado a ensinar seus alunos a pensar. Embora propusesse muitas perguntas, ele também dava exemplo de firme compromisso com Deus. Naqueles dias, os professores não tinham o luxo de um escritório particular, por isso ele separou um aposento em sua casa onde os alunos podiam ir conversar com ele. Jamais me esqueci de seu ponderado conselho e espírito solícito.

Muitos de nós temos sido tocados por um professor mentor que deu exemplo de íntima compaixão pelas pessoas, profunda

Verlie Ward

curiosidade pela vida e anseio de juntar-se a outros discípulos em busca de significado. Para muitos de nós, o fogo interior era abastecido por um instrutor criterioso que captara uma idéia do que poderíamos nos tornar, e de boa vontade investia tempo e energia para cultivar nosso desenvolvimento.

Muitos de nós temos sido tocados por um professor mentor que deu exemplo de íntima compaixão pelas pessoas, profunda curiosidade pela vida e anseio de juntar-se a outros discípulos em busca de significado

Mentores através da História

Os judeus chamavam Yahweh seu Mentor. Eles também procuravam sacerdotes, rabinos, profetas e homens sábios como líderes espirituais. A igreja cristã primitiva promovia o aconselhamento na forma de orientação espiritual. São Basílio (330-379 A.D.) escreveu aos fiéis, instando a que encontrassem um homem “que lhes servisse de guia seguro na tarefa de viver uma vida santa”, alguém que conhecesse “o caminho direto a Deus”. Ele advertiu que “acreditar que não se precisa de conselho é orgulho desmedido”.¹

No quarto e quinto séculos, os Patriarcas do Deserto no Egito, Síria e Palestina davam exemplo de procedimento religioso. Os discípulos procuravam conselho e orientação desses homens santos do deserto que os ajudavam a moldar a vida interior por meio de oração e cuidado pastoral. Na tradição celta encontramos o surgimento do “Soul-Friend”, que era essencialmente um guia e conselheiro. Durante o sétimo século, São João Clímaco insistia em que “os principiantes que desejassem deixar o Egito para a terra prometida precisavam encontrar outro Moisés (para ser seu) guia”.² Por volta do décimo século, havia muitas religiões orientais com mentores espirituais. O budismo tinha

mendicantes ascetas e os chineses se voltavam aos sábios para orientação espiritual. Durante o século 16, encontramos uma mulher, Teresa de Avila, estabelecendo fundações para apoiar homens e mulheres em sua vida religiosa. Ela encorajou a oração interior, que era considerada com suspeita naquela época.³ Na Rússia do século 18, os guias religiosos inspiravam seus seguidores a viver vida simples, humilde e devota para receberem o Espírito Santo.⁴ É evidente que desde o princípio, existiram formas de aconselhamento no mundo inteiro.

A literatura tem abundância de histórias de aconselhamento. Platão foi aconselhado por Sócrates, Beethoven absorveu o exemplo de Haydn em sua vida musical, e Florence Nightingale voltou-se para Sidney Herbert em busca de apoio no desempenho de sua reforma médica que ela jamais poderia ter realizado sozinha. Mendel, o geneticista, encontrou renovação em seu professor de física, Friedrich Franz. Martin Luther King, Jr. foi influenciado pelo diretor da faculdade onde estudou, Dr. Benjamin Mays. Nas palestras de assembléia, o Dr. Mays constantemente lembrava aos alunos do Morehouse College que “podiam ser pobres; podiam ser negros; seus ancestrais podiam ter sido escravos; podiam ser segregados e discriminados, mas mesmo assim ser livres em sua mente e alma”.⁵

Dietrich Bonhoeffer teve na vida inúmeros relacionamentos como mentor. Ele aconselhava tanto os colegas como os alunos. Finalmente, em um campo de concentração na Alemanha, ele transmitiu esperança aos colegas de prisão. Até mesmo seus guardas mudaram para sempre por causa do que viram em sua vida pessoal.⁶

Mentores Cristãos Atuais

O que significa ser um fiel mentor atualmente em um campus cristão? A maioria dos alunos vai ao colégio para obter um diploma ou habilidades para o trabalho. Na obtenção desse diploma, muitos estudantes descobrem que o caminho que tomaram é cheio de surpresas e desvios. Ao explorar esses novos atalhos, descobrem alvos que não haviam considerado, indagações que não haviam cogitado e desafios para os quais se sentem despreparados. O papel do mentor não é aplinar o caminho, mas ajudar o jovem adulto a encontrar significado [na vida], criar uma visão determinada e tornar-se um viajante competente.⁷

É na vida jovem adulta que os hábitos e crenças são moldados. Para atingir esses

alvos, o jovem adulto precisa passar pelo processo de reavaliação de suas crenças e desenvolvimento de um sistema pessoal de valores. Esses valores se tornam a plataforma de lançamento para a vida adulta. Muitos jovens adultos começam esse processo no colégio. A avaliação envolve cuidadoso exame das crenças mais fundamentais sobre as quais eles desenvolveram a vida. Essas crenças são geralmente fundamentadas no que Sharon Parks chama de “dependência indiscriminada sobre a autoridade convencional prevalecente da família (igreja) e do grupo de colegas”.⁸ O jovem inicia uma busca por melhor compreensão, bem como uma tentativa de descobrir uma fé pessoal que dá importância e significado à vida. Como seres humanos, procuramos encontrar significado [na vida], alcançar ordem e forma, e desenvolver relacionamentos. Esse processo prossegue de maneira mais amena em um ambiente aprobativo e estimulante entre indivíduos que começaram a caminhada e desenvolveram firme fé pessoal.

Um Lugar de Abrigo

Para descrever o papel do mentor, Sharon Parks escolhe a metáfora do toldo, o qual assume forma viva no filme musical *Um Violinista no Telhado*. Nessa história, a segunda filha segue seu namorado

rebelde até a Sibéria. Quando o pai e a filha estão juntos em uma campina desabitada, esperando pelo trem, ele admite sua profunda dor interior por não saber quando a verá novamente. Ela lhe oferece o seguinte presente de despedida: “Eu lhe prometo que me casarei sob o toldo.”⁹ O toldo simboliza sua ligação à família e a sua hereditariedade.

Para os jovens cristãos, o “toldo” é um lugar de abrigo onde podem descarregar o conhecimento que acumularam até então, um lugar onde podem investigar o tecido do significado da vida sem desfiar a tecedura. É um lugar de honestidade e integridade de onde um adulto pode emergir. É também um lugar de segurança, embora o processo possa ser inquietante para eles e para os que os apóiam.

Erickson diz que a prova de uma cultura é sua capacidade de nutrir e receber seus jovens idealistas e introduzi-los no futuro.¹⁰

Para se abrigar debaixo do toldo do aconselhamento, o jovem adulto precisa sentir apoio e confiança. Erickson diz que a confiança é fundamental para o processo do desenvolvimento: “É o reservatório do qual extraímos coragem para tirar da mente o que não precisamos mais e receber (o que tem valor).”¹¹ Quando essa confiança é oferecida, o processo de desenvolvimen-

to pode continuar. Mas se os jovens são incapazes de descarregar e examinar seus valores pessoais, essa tarefa é freqüentemente retardada, às vezes até à meia-idade. Em alguns casos, a pessoa pode ficar paralisada nesta etapa do desenvolvimento e jamais formar aquele núcleo de valores de escolha própria que proverão integridade, fé e senso de valor pessoais.

Richard R. Niebuhr descreve essa experiência de fé crescente como um período de sofrimento quando incertezas, conflitos, ansios e desespero se tornam parte natural da vida pessoal do(a) jovem.¹²

Sharon Parks chega a usar a metáfora de um naufrágio para descrever “a desintegração daquilo que serviu de abrigo e proteção, que manteve e conduziu a pessoa aonde ela quis ir, o colapso de uma

estrutura que um dia prometeu fidelidade”.¹³ Tal naufrágio pode ser provocado por inúmeros acontecimentos – divórcio na família, enfermidade, má decisão moral, rompimento de uma relação amorosa, desilusão ou simplesmente os vendavais da vida. No entanto, Sharon Parks não nos deixa aí. Ela continua descrevendo o arrastamento pelas águas até o lançamento em uma nova praia onde há alegria, alívio, restauração e transformação.

Modelos de Fé Viva

Os colégios e universidades adventistas do sétimo dia precisam ser lugares onde mentores cristãos amadurecidos sejam modelos de fé. Ao passo que tais pessoas tenham experimentado esperança e alegria, elas também conheceram dor,

perda, sofrimento e desilusão. Os alunos que estão procurando afirmação para seu novo eu, emergente e frágil, procuram esse toldo de fé, um abrigo onde possam encontrar aprovação, aceitação e senso de comunidade. Sob a orientação do Espírito Santo, eles podem empreender a tarefa de restauração e transformação, indo além de suas incertezas e perdas para um novo significado [na vida] e uma fé mais firme.

Que É Ser Mentor?

Os mentores assumem muitas formas: pais, treinador, sacerdote, anfitrião, guia, professor, patrocinador, regente, profissional liberal, diretor espiritual, conselheiro, amigo, pessoa exemplar, consultor, advogado, confidente, educador, e meu predileto pessoal, “*geezer*” (idoso, veterano). Terry Clark escreve bem humoradamente: “Agarrem-se aos veteranos e absorvam deles tudo o que puderem.” E conclui dizendo: “Quanto mais rugas eles tiverem, mais histórias poderão contar e mais experiência e sabedoria terão. Eles viajaram o suficiente para se tornarem interessantes.”¹⁴

O papel do mentor não pode ser designado, assim como não se pode planejar uma amizade ou exigir um relacionamento solícito. Amizades e relacionamentos se desenvolvem a partir de algo em comum, respeito mútuo e a disposição de ser acessível à outra pessoa. Alguns dos mentores mais bem-sucedidos surgem sem qualquer intenção formal ou mesmo sem o mentor perceber.

Mentor é um edificador, um incentivador que enxerga além das camadas exteriores até o íntimo da alma. Um mentor percebe a atuação de Deus na vida de cada pessoa e considera cada indivíduo como possuindo um precioso potencial. Bruno Bettelheim nos faz lembrar de que com o apoio de um mentor, podemos, na verdade, sobreviver o terror da jornada vindoura e nos sujeitar a uma transformação prosseguindo através, não ao redor, do nosso medo.¹⁵ Frequentemente, o mentor aparece perto do princípio da viagem como um ajudador, de alguma forma equipando a pessoa aconselhada para o que está para acontecer, servindo como uma parteira para facilitar o nascimento dos sonhos dessa pessoa.

O Papel do Mentor

A primeira tarefa do mentor é ouvir os sonhos do seu *protégé* (protegido), suas histórias, esperanças para o futuro e seus temores. Laurent Daloz diz que podemos identificar um bom mentor pelo que ele

A Vereda do Mentor

Como o educador vem a relacionar-se com o mentoreado? Embora a maioria dos colégios e universidades adventistas designem consultores, o mentor genuíno geralmente surge fora desse relacionamento. Com muita freqüência, um aluno se identificará com a alma de um professor e iniciará conversa significativa. A partir daí, um vínculo se estabelece que pode durar a vida inteira.

O relacionamento com um mentor também pode se desenvolver da leitura e resposta aos alunos em um jornalzinho de classe. Geralmente, os alunos que são relutantes em falar audivelmente na classe, abrirão o coração no papel, e isso provê oportunidade para o desenvolvimento de uma associação entre aluno e mentor.

Observe a linguagem corporal dos alunos ao entrarem na sala de aula; isso pode mostrar-lhe se eles estão aflitos. Uma palavra no fim da aula, um e-mail, um telefonema ou um cartão reconhecendo a necessidade e assegurando-lhes sua disponibilidade pode tornar-se a chave para um precioso relacionamento entre mentor e aluno.

Sempre me lembrarei de um professor de faculdade que se aproximou de mim em um momento difícil da minha vida e disse: “Acho que precisamos de um tempinho para dialogar.” Quão agradecido fiquei por aquele professor ter tomado a iniciativa de me ouvir e me orientar na travessia daquele trecho da jornada da vida.

Portas abertas são convites para conversar. Deixe aberta a porta da sua sala durante algumas horas do dia para deixar seus alunos saberem que você está disponível. Chegando 10 ou 15 minutos antes da aula, demorando-se no fim da mesma e envolvendo os alunos em conversa dinâmica você pode comunicar-lhes que é acessível e está disponível. O fato de partilhar experiências adequadas da própria vida também ajuda a mostrar aos alunos que você é genuíno e autêntico. Esse processo é geralmente enriquecido ao descrever seus encontros pessoais com Deus. Ocasionalmente, um aluno poderá desejar saber mais, e essa se tornará a chave para uma jornada religiosa partilhada.

Há decepções ao mentorear? Sem dúvida. Universitários idealistas geralmente procuram modelos perfeitos. Não podemos estar sempre disponíveis e não somos perfeitos. No entanto, podemos ser autênticos, genuínos e honestos. Por vezes, ao percebermos que os alunos estão se distanciando, é prudente dar-lhes espaço. Outras vezes, quando eles se afastam, na verdade estão enfrentando dificuldades terríveis e não sabem como manter o vínculo. Esse é o momento para aliar-se novamente, oferecer apoio e mostrar-se disponível. Às vezes, depois de vários meses ou anos, o mentoreado retorna para continuar o relacionamento.

Tocar a vida de alguém é uma vocação sagrada que requer constante dependência de Deus. Não é uma tarefa na qual devemos nos aventurar sozinhos. Quando estamos ancorados em Cristo, Ele nos concede a habilidade de encontrar a divergente vereda do mentor e nos tornarmos parte da vida religiosa de nossos alunos. Ao lhes assegurarmos de nossas orações e nosso amor incondicional, nada pedindo em retorno, nos sentiremos recompensados ao ver seu desenvolvimento profissional e espiritual.

conhece a respeito da família e da vida do protegido. Ele descreve a arte de ouvir como a mais poderosa intervenção do mentor.¹⁶ Isso significa ouvir atentamente, respondendo ao que se ouve e reforçando partes da história. É praticamente como segurar um espelho diante do aluno, intensificando-lhe a auto-conscientização.

Os mentores convidam os protegidos a observar o próprio crescimento, reconhecer as mudanças e ponderar a jornada. A reflexão é necessária para um crescimento duradouro.

O mentor também provê visão. O mentor cristão oferece uma luz que dá vitalidade, autenticidade e brilho interior. Daloz escreve que “os mentores ‘ficam por perto’ durante as transições, com um pé de cada lado do abismo, oferecendo a mão para ajudá-lo a atravessar com um salto. Por sua própria existência, os mentores dão prova de que a jornada pode ser empreendida, uma vez que é dado o salto.”¹⁷

Os mentores oferecem esperança. Os jovens não estão à procura de exortação, mas de associação, nutrição e esperança. Estão à procura de comunidades onde os humildes e os sábios aprendem juntos, onde batalhadores confiantes entrelaçam os braços ao caminharem juntos. Os protegidos precisam ouvir não só acerca dos sucessos de seus mentores, mas também de sua dor e sofrimento, da escura noite da alma. E acima de tudo, eles precisam ver a calma atuação do Espírito Santo na vida do mentor.

O mentor também faz perguntas. Escrevendo acerca da sua mentora, Sue Kidd diz: “Quando faço uma pergunta à minha mentora, ela às vezes não replica com uma resposta, mas faz uma pergunta maior ainda. Algumas vezes meu coração precisa ficar na ponta dos pés para ouvi-la.”¹⁸ Um mentor indagador ajuda o protegido a conviver com suas perguntas, a firmar-se no desconhecido em vez de precipitar-se em respostas incompletas. Muitas vezes é o ato paciente de viver com uma indagação que nos ajuda a esclarecer a resposta. As perguntas nos subjagam e nos moldam de novo, tornando nossa alma maleável. Quando oferecemos aos nossos protegidos tempo para resolver as indagações sem forçar respostas, rompe do interior uma iluminação divina que compensa a espera.

O mentor ajuda a facilitar o desenvolvimento espiritual do protegido. Geralmente, esse é um relacionamento de intensa interação com o qual tanto o mentor como o protegido se beneficiam. Essa prática funciona melhor no contexto de um relacionamento zeloso.

Para os jovens cristãos, o “toldo” é um lugar de abrigo onde podem descarregar o conhecimento que acumularam até então, um lugar onde podem investigar o tecido do significado da vida sem desfiar a tecedura.

Quando perguntei a universitários o que eles mais respeitavam em um mentor, responderam: o fato de ser genuíno, autêntico, disposto a ajudar, demonstrar compaixão e oferecer encorajamento. Quando perguntei o que eles precisavam, a lista foi muito mais longa. O item mencionado com mais frequência foi a necessidade de um bom ouvinte. Eles procuram reafirmação, sugerindo que o mentor deve “conduzi-los enquanto eles fazem descobertas; não fazer as descobertas por eles”. Procuram mentores que não sejam reproadores, mas que percebam o bem que há neles e confiem na sua inteligência. Ao mesmo tempo, desejam conselho inteligente. Procuram também mentores que não temam cometer erros ou rir de si mesmos. Finalmente, os alunos procuram mentores que partilhem sua experiência religiosa pessoal e mostrem como o conhecimento de Deus transformou-lhes a vida.

Por que Mentorear?

Ensinar é uma ocupação relativamente segura. Envolve a criação de um ambiente de aprendizado, partilhar informação e estimular participação e *feedback*. Mentorear não é seguro. Quando você se oferece como mentor, torna-se vulnerável, aberto e observado.

Então, por que oferecer-se como mentor? Em primeiro lugar, o mentor precisa do protegido tanto quanto o protegido precisa do mentor. Ser mentor causa mudança em nós, do mesmo modo que tornar-se pai ou mãe. Nós florescemos nas interações significativas com a nova geração. Ao explorarmos o aprendizado e a religião com os alunos, nossa própria chama se reacende. Percebemos que a nova geração é promissora e isso nos dá esperança. Esse

fato desperta nossos fatigados sonhos e nos fortifica com renovado entusiasmo e visão.

No íntimo da alma, todos nós precisamos de que alguém precise de nós. Antoine de Saint-Exupery assim o coloca: “Aqueles que nada permutam de si mesmos se tornam nada.”¹⁹ Quando a vida é vivida egoistamente, falta-lhe tensão, forma e direção. É uma estrada solitária que não leva a lugar nenhum. Foi por isso que Erickson disse: “O adulto... é assim constituído: para precisar de ser precisado. Caso contrário sofrerá a deformação mental da ‘auto-absorção’, na qual se torna seu próprio infante e animal de estimação.”²⁰ Ele nos faz lembrar que precisamos ensinar e mentorear não só nossos alunos, mas a nós mesmos também.

Pessoas de êxito raramente alcançam seu alvo sozinhos. McGreevy assim se expressou: “Durante séculos foi dito que quase sempre, quando a independência e a criatividade florescem e persistem, e importantes realizações ocorrem, há alguma outra pessoa que desempenha o papel de mentor (ou) patrocinador.”²¹ O mentor pode tornar o protegido consciente da beleza, estimular e desafiar seu potencial, e encorajar expansão no campo artístico e espiritual, bem como nas buscas intelectuais.

Durante a vida inteira, procuramos conquistar desenvolvimento, criatividade e êxito. Isso é geralmente alcançado por meio de nossas vocações. Yamamoto fala de três etapas de desenvolvimento em uma carreira. Inicialmente, a ênfase no que podemos realizar sozinhos. À medida que o tempo passa, porém, nossas expectativas mudam. No meio de nossa carreira, importa mais o que podemos fazer em cooperação e colaboração com outros. E finalmente, na etapa madura de nossa carreira, geralmente não somos reconhecidos pelas próprias realizações, mas pelo que realizamos através de outros. Para sermos capazes de fazer isso cortesmente, precisamos ver as coisas de um plano mais elevado, afastar-nos, deixá-lo ir e oferecer o nosso melhor, sabendo que nossos protegidos irão muito mais longe do que jamais foram.²²

Como Mentorear?

Sue Kidd fala de mentorear como sendo a “atenta disponibilidade”²³ – receber outra pessoa com coração íntegro e mente alerta. Esse não é um comportamento natural para o ser humano, que se encontra entretido e preso à própria agenda, permanecendo nas laterais em vez de estar

presente e ocupado. A disponibilidade leva o mentor a aceitar as pessoas como são, sem procurar tratar de seus problemas ou saná-los. O mentor alcança outros com coração aberto. Henri Nouwen chama isso de hospitalidade.²⁴ Isso significa não só receber outros, mas ser autêntico para com eles – não se escondendo atrás da neutralidade, mas oferecendo idéias, opiniões e um estilo de vida claro e distinto.

Thoreau descreve essa hospitalidade em termos concretos. Ele menciona o sentar-se à mesa onde o alimento era farto, o vinho abundante, mas a atmosfera fria como gelo. A suntuosa casa e os jardins nada mais eram do que ornamentos. Conta ainda sobre procurar um rei que o fez esperar no saguão, comparando-o com um homem nas redondezas de Thoreau que morava na cavidade de uma árvore, mas tinha maneiras que eram verdadeiramente régias.²⁵ Mentorear é oferecer um lugar hospitaleiro onde os jovens são bem-vindos para dialogar, fazer perguntas, ou selecionar as indagações que têm.

Portanto, o mentor não é tanto um consultor ou diretor, mas um auxiliador silente. Os mentores precisam renunciar seu elevado *status* e senso de importância própria. Em vez disso, deve haver fineza e aceitação – o oferecimento de um espa-

ço hospitaleiro onde alunos e mentores podem aprender e crescer juntos. Isso exige um profundo senso de respeito pelos outros, um reconhecimento de que Deus habita em todo coração humano e fala a cada um de nós de maneiras diferentes. Significa ver além da carência e pedir a Deus que revele o que realmente é necessário na vida da pessoa mentoreada.

Finalmente, o mentor é chamado a reexaminar os sonhos de modo que a visão seja transformada e o entusiasmo intensificado. Somente então o mentor estará preparado para partilhar com o protegido. Isso requer comunhão com o Mestre da alma, unir-se como uma comunidade de fiéis, ligada por uma rede de identificação, confiança e comprometimento na qual uma visão positiva pode vicejar.

Quando uma instituição religiosa oferece um lugar de segurança para os alunos examinarem seus valores, os jovens adultos são capazes de reunir-se sob o “toldo” e descarregar sua fé na presença de mentores confiáveis. Podem então recompor sua vida e desenvolver um relacionamento vivo com Deus. Aprenderão a valorizar a sabedoria do passado ao avançar para abraçar os desafios do futuro.

Ao nos conscientizarmos das necessidades dos jovens adultos em nossos campi, seremos alertados para nossas mais íntimas necessidades. Reconheceremos o chamado para a fiel participação nas sagradas atividades do dia-a-dia. Nossa vocação requer tanto a interdependência como a dependência. Frederick Buechner denomina esse lugar de serviço, um “lugar onde a sua profunda alegria e a intensa fome do mundo se encontram”.²⁶ Isso é o que os jovens estão procurando: um farol para guiar seu futuro, manifestado na vida de fiéis mentores adultos. Juntos, como mentores e jovens em uma comunidade espiritual estaremos abertos a indagações, dispostos a crescer e aprender, entusiasmados acerca da visão partilhada da “comunidade de Deus”.²⁷

Vertie Ward é professora emérita do Walla Walla College (WWC) em College Place, Washington, EUA. Recentemente jubilada após 20 anos de serviço na educação de professores no WWC, continua envolvida na educação em níveis superior e de pós-graduação. Gastou os primeiros anos de sua carreira no ensino fundamental antes de dedicar-se à educação de professores. A Dra. Ward é formada pelo Avondale College na Austrália, Union College, Andrews University e Washington State University nos Estados Unidos. Este artigo é um apanhado de uma palestra feita a docentes eminentes no Walla Walla College.

REFERÊNCIAS

1. Kenneth Leech, *Soul Friend: The Practice of Christian Spirituality* (San Francisco: Harper & Row Publ., 1977), pág. 41.
2. *Ibidem*, pág. 45.
3. Leona English, “The Tradition of Teresa of Avila and Its Implications for Mentoring of Religious Educators”, *Religious Education* 91:1 (1996), págs. 86 e 87.
4. Leech, pág. 47.
5. Freddie C. Colston, “Dr. Benjamin E. Mays: His Impact as Spiritual and Intellectual Mentor of Martin Luther King, Jr.”, *The Black Scholar* 23:2 (1993), pág. 8.
6. Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (New York: Harper & Row Publ., 1954), págs. 7-13.
7. Laurent A. Daloz, *Effective Teaching and Mentoring* (San Francisco: Jossey-Bass, 1987), pág. ix.
8. Sharon Parks, *The Critical Years: Young Adults and the Search for Meaning, Faith, and Commitment* (New York: Harper Collins Publ., 1991), pág. 2.
9. *Ibidem*, págs. 21 e 22.
10. Erik Erickson, *Insight and Responsibility: Lectures on the Ethical Implications of Psychoanalytic Insight* (New York: Norton, 1964), pág. 127.
11. Daloz, pág. 212.
12. Parks, pág. 23.
13. *Ibidem*, págs. 24 e 25.
14. Terry M. Clark, “Find a Geezer and Start Learning”, *Editor & Publisher* 129:47 (23 de novembro de 1966), pág. 40.
15. Bruno Bettelheim, *The Uses of Enchantment: The Meaning and Importance of Fairy Tales* (New York: Vintage Books, 1975).
16. Daloz, págs. 215, 216 e 234.
17. *Ibidem*, pág. 213.
18. Sue M. Kidd, *When the Heart Waits* (New York: Harper Collins, 1992), pág. 158.
19. Antoine de Saint-Exupery, *The Wisdom of the Sands* (Chicago: University of Chicago Press, 1979), pág. 30.
20. Erickson, pág. 130.
21. Ann McGreevy, “Darwin and Teacher: An Analysis of the Mentorship Between Charles Darwin and Professor John Henslow”, *Gifted Child Quarterly* 34:1 (Inverno 1990), págs. 5-9.
22. Kairu Yamamoto, “To See Life Grow: The Meaning of Mentorship”, *Theory Into Practice* 27:3 (1988), pág. 187.
23. Sue M. Kidd, “Live Welcoming to All”, *Weavings: A Journal of the Christian Spiritual Life* 12:5 (Setembro/Outubro 1977), pág. 9.
24. Henry J. M. Nouwen, *Reaching Out: the Three Movements of the Spiritual Life* (New York: Doubleday, 1975), pág. 106.
25. Sandra Rodriguez, “Thoreauvian Knight”, *Peabody Journal of Education* 71:1 (1996), pág. 36.
26. Frederick Buechner, *Wishful Thinking: A Theological ABC* (New York: Harper & Row, 1973), pág. 95.
27. Parks, pág. 200.

Função do Mentor

1. Praticar a arte de estar presente, atento e de discernir o que o Espírito Santo já está fazendo.

2. Mergulhar na Palavra de Deus de modo que a verdade possa influenciar a própria vida.

3. Ser honesto mas delicado, apegando-se à visão do que o aluno mentoreado pode se tornar em Cristo.

4. Ouvir com todo o coração ao que é importante e NÃO está sendo dito.

5. Evitar dar conselho, a menos que seja solicitado.

6. Reconhecer que todos os nossos apetites e desejos surgem da sede de Deus.

7. Descobrir e partilhar a alegria infinda que pode superar as perdas mais esmagadoras da vida.

8. Partilhar seus encontros pessoais com Deus.

9. Guardar “o seu coração, pois dele depende toda a sua vida”. (Prov. 4:23, NVI.) Isso só pode ser conseguido por meio de constante dependência do Doador da vida.